

Qualidade, diversidade e diferenças em livros ilustrados: uma experiência no ensino de literatura infantil

Newton Freire Murce Filho¹
Suyanne Martins Costa²
Filipe Araújo Costa³
Giovanna Garcia Costa Lima⁴

Resumo

Este estudo consiste em uma experiência de ensino em literatura infantil, com estudantes jovens, e tem como objetivo discutir a questão da qualidade em literatura infantil, particularmente em livros ilustrados endereçados a crianças, considerando a sua presença ao longo da história e as mudanças ocorridas no tempo. Além desta visão histórica, focalizamos os modos como a diversidade e as diferenças são representadas em uma seleção de livros ilustrados internacionais que foram analisados.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Qualidade, Livros Ilustrados, Diversidade, Ensino.

Quality, diversity, and differences in picture books: an experience in the teaching of children's literature

Abstract

This study is an experience with young students in the teaching of children's literature. It sets out to discuss the issue of quality in children's literature, particularly in picture books for children, considering their presence down through history and the changes they have undergone over time. In addition to this historical view, it focuses on how diversity and differences are represented in a selection of international picture books which were analyzed.

Keywords: Children's literature, Quality, Picture Books, Diversity, Teaching.

Introdução e Metodologia

Este trabalho constitui um dos produtos do Projeto de Pesquisa intitulado “Literatura Infantil e Educação Básica: Diversidade, Tradição e Inovação”. Este Projeto tem como objetivo principal aprofundar o conhecimento no campo da literatura infantil, ampliando a compreensão e a abrangência do significado teórico deste campo de pesquisa, bem como as implicações deste conhecimento no que diz respeito: a) à discussão sobre a presença da

¹ Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG). O docente pesquisa nas áreas de ensino-aprendizagem de línguas, literatura infantil e juvenil, psicanálise e teatro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4901-2905>. E-mail: murce@ufg.br.

² Estudante do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da UFG. Foi bolsista de Iniciação Científica Júnior (UFG/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4089-4478>. E-mail: suyanne.19@hotmail.com.

³ Estudante do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da UFG. Foi bolsista de Iniciação Científica Júnior (UFG/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4651-6136>. E-mail: filipecostaa136@gmail.com.

⁴ Estudante do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da UFG. Foi bolsista de Iniciação Científica Júnior (UFG/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5118-3765>. E-mail: jollielima8@gmail.com.

tradição e da inovação na literatura infantil produzida no Brasil e internacionalmente; b) à inclusão da diversidade (social, étnica, racial, linguística, de gênero e sexual) em obras literárias, particularmente em livros ilustrados altamente recomendados e publicados recentemente e c) a propostas de experiências com essas obras no contexto escolar da Educação Básica.

O presente estudo foi escrito pelo professor orientador (coordenador do Projeto de Pesquisa) e por três orientandos bolsistas do Programa de Iniciação à Pesquisa Científica, Tecnológica e em Inovação da UFG (PIP-UFG), na categoria Iniciação Científica Júnior (ICJr), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do CNPq, instituições às quais agradecemos. No estudo, focalizamos a atenção sobre a questão da qualidade em literatura infantil, particularmente de livros ilustrados publicados em diferentes países. O objetivo principal consistiu em investigar como diferentes teóricos abordam o assunto e os modos como podem ser constatadas características que apontam para a qualidade literária, estética e temática de uma seleção de livros ilustrados internacionais analisados, atendendo, portanto, à abrangência do Projeto, que inclui a literatura produzida no Brasil e internacionalmente.

No texto, retomamos um breve percurso histórico da literatura infantil, particularmente no que diz respeito à sua ligação com a pedagogia e ao que vai mudando ao longo do tempo em relação ao que se entende por qualidade. Ao mesmo tempo, apresentamos considerações teóricas de pesquisadores da área, sobre a questão da qualidade na literatura infantil, acompanhadas de análises de obras selecionadas, particularmente livros ilustrados (picture books), feitas pelos orientandos do Projeto, sob orientação do professor orientador e, evidentemente, ancoradas nas leituras dos textos teóricos. O trabalho consistiu em uma experiência de ensino em literatura infantil, tendo colaborado significativamente na formação dos estudantes jovens bolsistas, que puderam estudar e aprender a respeito do campo pesquisado, particularmente sobre livros ilustrados.

Trabalhamos pelo período aproximado de dez meses, com cada orientando, em reuniões presenciais quinzenais, fazendo uso de um diário dialogado - entre orientador e cada orientando - e com atividades de análises e estudos, realizados em reuniões e individualmente. Nas reuniões eram discutidas questões teóricas, resultantes dos estudos feitos individualmente. Nelas foram também lidos e analisados os livros ilustrados de diferentes países. O diário dialogado teve a função principal de poder auxiliar os orientandos a terem

mais consciência do seu processo de formação inicial, como pesquisadores, na medida em que, por meio do diálogo com o orientador, questões teóricas e metodológicas puderam ser tratadas com maiores detalhes e precisão. Além disso, nos diários, os estudantes registravam resenhas das obras literárias e discutiam, com o orientador, questões de diversas ordens que precisavam ser esclarecidas.

Durante a pesquisa, uma das alunas bolsistas cursava o 8º ano do Ensino Fundamental, o outro aluno também cursava a mesma série, tendo passado, posteriormente, para o 9º ano, e a terceira orientanda cursava o 1º ano do Ensino Médio, tendo passado para o 2º ano. Os livros literários lidos durante a realização da pesquisa compõem uma seleção de obras altamente recomendadas por instituições que promovem a literatura infantil e juvenil, no Brasil e internacionalmente, como a brasileira Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), afiliada da *International Board on Books for Young Readers*, a instituição canadense *Canadian Children's Book Centre* e a alemã *Internationale Jugendbibliothek*, em Munique. A escolha das obras que compõem o corpus da Pesquisa se deve, portanto, ao pressuposto fator qualidade desses livros, haja vista que constituem obras selecionadas e indicadas por estas instituições, que as analisam com rigor.

Literatura infantil, livros ilustrados e qualidade – fundamentos teóricos

Dentre as várias funções de instituições que promovem e incentivam a literatura infantil e juvenil, ao redor do mundo, encontra-se a de selecionar obras que se destacam pela qualidade literária, temática e estética. Essas seleções são feitas por especialistas da área e listas de obras são então divulgadas ao público e ao mercado editorial. Nas listas são divulgadas obras denominadas, muitas vezes, de altamente recomendadas, sendo algumas delas premiadas, em diversas categorias. No entanto, a questão do que envolve o que se entende por qualidade não é tão simples e, até por isso mesmo, existe um número significativo de trabalhos que tratam do assunto. Ao longo do estudo, as perguntas principais que o guiaram foram: “O que é literatura infantil?”; “O que é qualidade na literatura infantil?”; “Como a qualidade se apresenta na literatura infantil, mais especificamente, em livros ilustrados?”

Conforme será observado no decorrer do trabalho, de um modo geral, os principais aspectos referentes à qualidade que se destacaram, nas nossas discussões e nas obras lidas, à

medida que as leituras iam sendo feitas, foram os seguintes: os modos como se dão as relações entre os textos verbais e os textos visuais; os modos como a inteligência da criança leitora é considerada ou não; os aspectos lúdicos e imaginativos; a presença ou ausência de clichês, estereótipos ou enredos predominantemente pedagógicos; além dos modos como se apresenta ou não a inclusão da diversidade e das diferenças, em seus variados aspectos.

Abordamos, inicialmente, o modo como surgiu a literatura infantil, como ela se modificou com o passar do tempo até se tornar o que é atualmente, tratamos da questão da inclusão da diversidade e das diferenças e, por último, apresentamos as análises de alguns livros ilustrados lidos.

Ao longo do tempo, foi possível verificar como a literatura infantil foi se desvinculando de uma relação estreita com a pedagogia, ideia existente desde seu surgimento e que ainda perdura. Pudemos perceber que, uma vez pertencente ao campo do literário, a literatura infantil vai além dos objetivos da escola, não se limitando a questões morais e/ou pedagógicas de uma ou mais instituições. Nessa linha de pensamento, acreditamos que ela deve ser cada vez mais conhecida e valorizada, haja vista que ela é, ainda, muitas vezes, desconsiderada ou excluída do campo da literatura e, conseqüentemente, do campo da arte.

Para se discutir a questão de como a qualidade se faz presente na literatura infantil, é importante, inicialmente, problematizar a tradicional ligação normalmente estabelecida entre ela e a pedagogia e, para isso, devemos voltar para seu surgimento, quando essa ideia começou a ser estabelecida.

Segundo Kirchof e Bonin (2016), a literatura voltada para crianças ascendeu junto à burguesia. Cademartori (1986) também atesta isso e aponta Charles Perrault (1628-1703) como o escritor que iniciou esse processo, ao adaptar lendas e histórias populares para contos de fada. Perrault transpunha o que ouvia do povo para o gosto da burguesia, adicionando o aspecto moralizante e pedagógico. Isso ocorria porque a criança, na época, era vista apenas como um adulto em potencial e, por conta disso, a literatura deveria auxiliar nesse processo, segundo Cademartori (1986).

Nesse contexto, como Kirchof e Bonin (2016) ressaltam, os livros infantis

eram produzidos com o intuito de constituir cidadãos devidamente alfabetizados e alinhados com as necessidades e as visões de mundo daquela sociedade. Para atingir tais objetivos, alguns autores da época mesclavam histórias e poemas a lições

destinadas a ensinar leitura e escrita, incluindo abecedários, além de regras de comportamento e moral (KIRCHOV e BONIN, 2016, p. 24).

Em relação à literatura infantil nacional, livros do gênero surgiram no século XIX, sendo majoritariamente adaptações e traduções de obras estrangeiras, de acordo com Kirchov e Bonin (2016). Ainda segundo os pesquisadores, no início do século XX,

autores brasileiros como Olavo Bilac, Viriato Correa, Manuel Bonfim, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, entre outros, passaram a escrever obras para crianças, baseados na crença burguesa segundo a qual a literatura, e especialmente a poesia, seria um instrumento pedagógico eficiente para ensinar, na escola e fora dela, os valores morais, cívicos e religiosos que a sociedade de então considerava apropriados e necessários para uma boa formação (KIRCHOV e BONIN, 2016, p. 24-25).

E como Kirchov e Bonin (2016) ressaltam, essa ideia começou a se romper com a publicação de “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol, em 1865, livro este que deixa o aspecto pedagógico e moralizante para trás, privilegiando o campo da imaginação e do lúdico.

Já no Brasil, esse rompimento foi mais tardio, com as obras de Monteiro Lobato, que foi o primeiro autor a ser contra a erradicação da cultura nativa, ligando também a literatura a questões sociais, mostrando a realidade de forma crua (Cademartori, 1986). Foi apenas na década de 1960 que

houve um crescimento realmente expressivo de obras infantis no contexto brasileiro, especialmente de narrativas, o qual foi acompanhado pela melhoria também da sua qualidade artístico-literária (KIRCHOV e BONIN, 2016, p. 25).

Com o passar do tempo, a literatura infantil e a pedagogia foram se desassociando, fazendo com que os aspectos pedagógicos, que eram considerados essenciais para a qualidade de livros para crianças, dessem espaço a novas formas de qualidade na literatura para crianças. Kirchov e Bonin esclarecem que

ao invés da perspectiva do adulto que pretende ensinar algo, é possível encontrar uma quantidade muito significativa de livros que priorizam o universo e a perspectiva infantil. No lugar de informações utilitárias, conhecimentos escolares e valores morais explícitos, autores contemporâneos têm valorizado a qualidade literária e o lúdico, que podem se manifestar tanto por meio das temáticas abordadas quanto da liberdade para experimentações com o significante linguístico (...). Além

disso, questões densas e existenciais como a morte e a velhice, entre outras, também são apresentadas na perspectiva infantil, evitando-se respostas fáceis e enredos óbvios (KIRCHOV e BONIN, 2016, p. 25).

Portanto, as concepções sobre qualidade em livros voltados para crianças passaram por mudanças, deixando de privilegiar a pedagogia e o ensino moral. Segundo Baptista (2018, n.p.), “a literatura é arte e tem que ser trabalhada como tal. A obra de arte não é pra se fazer um uso instrucional”. Para Paulino (2003, p. 43), “literatura é arte e como tal deve provocar inquietações, detonar jogos de significações, excitar o imaginário, expandir experiências estéticas”.

A posição da pesquisadora Nikolajeva (2010) é bastante interessante, sobre a discussão da literatura infantil como pertencendo à arte ou à pedagogia. Segundo a autora, possivelmente a divisão arte versus pedagogia seja uma das questões ou a questão central que ainda hoje mobiliza o campo das pesquisas em literatura infantil. Porém, para ela, a questão não deveria centrar-se na dicotomia “ou-ou”, mas em “ambas”, ou seja, a literatura infantil é arte e ao mesmo tempo pedagogia. Ela sugere, ainda, que toda literatura (para adultos ou não) é ao mesmo tempo uma forma de arte e uma didática, ou um veículo ideológico (p. 7).

Ainda sobre o tema da qualidade, Baptista (2018) acrescenta que literatura infantil de má qualidade é aquela que

possui como primeira intenção transmitir um determinado conteúdo escolar ou formatar um determinado tipo de comportamento esperado. **O livro cria uma historinha para ensinar, transmitir ou moldar um comportamento infantil.** (BAPTISTA, 2018, n.p., grifos da autora).

Baptista (2018) também comenta que muitas vezes o livro subestima a inteligência da criança, ao confundir complexo e complicado, pois, mesmo sendo infantil, não precisa ser menos complexo. Segundo Hunt (2010), o leitor criança não é um leitor “menor”. O estudioso esclarece que as crianças têm propensão natural à encenação, ao “acesso fácil à metáfora” e à “capacidade para lidar com atos narrativos complexos, então, “não estamos lidando com capacidade menor, mas com um tipo diferente de capacidade” (HUNT, 2010, p. 119).

Sobre a escrita em livros ilustrados, Nodelman (1996) argumenta que o fato de se tratar de um tipo de literatura endereçada a um público com menos experiência, isso não vai implicar uma leitura simples ou óbvia, ou seja, no ato de leitura de um livro ilustrado por uma

criança, dela é requerido um conhecimento prévio considerável sobre imagens, representação, estilo, convenções narrativas e interpretação. Segundo o pesquisador, embora a maioria dos livros infantis contenham impulso didático, eles contêm ambiguidade e perguntas sem resposta, o silêncio, o não-dito, e o que um texto silencia vai sempre implicar algo.

Em se tratando de qualidade em livros ilustrados, é muito frequente encontrar, tanto nos estudos teóricos, quanto nos sites especializados, a referência ao fundamental “diálogo” entre o texto verbal e o texto visual. Isso quer dizer que ambos os textos têm a mesma importância e especificidade, ao mesmo tempo. Se há um “diálogo”, isso não significa que um deve ser a tradução ou explicação do outro, o que pode empobrecer a qualidade estética da obra. Muitas vezes, o que enriquece um livro é justamente o que um texto (verbal ou visual) faz com o outro, seja sendo diferente, complementar ou mesmo contraditório. Em outras palavras, os dois “trabalham” juntos, produzindo efeitos de sentido.

Fernandes (2016, p. 45) faz uma observação interessante sobre como pode ser empobrecedora uma relação entre texto visual e texto verbal, quando um simplesmente “ilustra” o outro, sem espaço para a interpretação e entrada do leitor na obra. Ele afirma que, sob um olhar conservador, “a harmonização entre o verbal e o ilustrativo trazem as respostas prontas para a criança, desprezando a análise e sendo puro veículo de absorção de valores”. O aspecto visual é, pois, tão importante quanto o verbal, não devendo apenas concordar com ele, mas acrescentar significados, sentidos e interpretações. Ramos e Panozzo (2012, p. 37) atestam que “ilustrar não é fazer bonequinho nem mesmo repetir o que está escrito. A ilustração nasce da aura da palavra e deve ampliar sua potencialidade simbólica”.

Cademartori (1986) destaca o caráter emancipador dos livros ilustrados, se as histórias apresentam ao leitor mirim um mundo como ele é, escapando do viés pedagógico de mostrar como o mundo “deveria ser”. Uma perspectiva emancipadora como esta produz efeitos na representação da diversidade e das diferenças. A esse respeito, Cademartori (1986, p. 24) afirma: “foi a preocupação pedagógica que, por muito tempo, silenciou no texto questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação das mulheres, e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poder”. Entretanto, isso vem mudando nos últimos tempos e a literatura infantil tem se tornado cada vez mais inclusiva.

Ao mesmo tempo, apesar de grandes avanços na área, como o que se refere a surpreendentes e excelentes publicações com formatos e textos visuais e verbais de qualidade,

ainda assim, nem sempre é possível encontrar publicações em que há representação de diversidade e de diferenças, sem um viés preconceituoso ou estereotipado. É com preocupação, nesse sentido, que procuramos analisar livros ilustrados considerando a importância de destacar aqueles que celebram a diversidade e as diferenças.

É interessante notar que mesmo que a maneira como a literatura infantil tenha se distanciado muito de como ela era vista no seu surgimento, ainda existem muitos que não deixam de acreditar que um bom livro infantil é aquele que vai ensinar algo à criança. Por isso há ainda a necessidade de refletir e problematizar a questão.

Como mencionamos anteriormente, o tema da qualidade em literatura infantil e juvenil tem sido tratado por muitos estudiosos e não constitui pretensão deste trabalho, obviamente, listar todos eles. Finalizamos esta parte teórica referindo mais três publicações importantes, organizadas por Oliveira (2005, 2008, 2011), sobre o que seria qualidade em literatura infantil e juvenil, conforme as perspectivas de escritores, ilustradores e educadores.

Livros ilustrados: qualidade e celebração da diversidade e das diferenças

A seguir, relatamos os modos como aspectos considerados de qualidade foram observados nas obras lidas, mais especificamente, como os jovens pesquisadores em formação (orientandos deste trabalho) perceberam esses aspectos, sob orientação do orientador. Conforme apontado anteriormente, os aspectos mais observados, ao longo do trabalho, em relação à qualidade dos livros ilustrados, foram os que dizem respeito às relações entre os textos verbal e visual, a valorização da inteligência e da perspectiva da criança, a inclusão da diversidade e das diferenças, o distanciamento de intenção pedagógica, a presença do lúdico e do imaginativo, as possibilidades infinitas de interpretação e de lacunas a serem preenchidas pelo leitor criança, dentre outros aspectos. Evidentemente, não podemos deixar de dizer que a qualidade em literatura infantil comparece quando um determinado livro dá aquele gostinho de “quero mais” no leitor (BERNARDO, 2005, p. 17), fazendo-o querer ler e reler várias vezes tal história.

A perspectiva da criança e o lúdico

“Prudence wants a pet” (Prudence quer um animal de estimação), de Cathleen Daly (2011), distancia-se radicalmente da intenção de ensinar qualquer coisa ao leitor, passando longe de ser, portanto, uma obra didática. A história é sobre uma pequena menina, Prudence, que deseja desesperadamente um animalzinho de estimação para sua companhia. Porém, seus pais não acham uma boa ideia ter um animalzinho naquele momento. Diante desse problema, Prudence passa a pegar qualquer objeto em sua frente, que se transforma em seu animalzinho de estimação, desde um graveto, um pneu, um sapato e até mesmo seu pequeno irmãozinho, um bebê, para quem ela dá de comer folhagens, fazendo o pobrezinho passar muito mal.

Quando chega seu aniversário, finalmente seus pais resolvem lhe dar um cachorrinho para sua companhia, e isso a deixa muito feliz. As ilustrações são feitas com traços semelhantes a traços de uma criança, o que enriquece sobremaneira a obra, dirigida a um público infantil. Outro fator que se destaca nos textos visuais é o fato de que as figuras do pai e da mãe não aparecem acima do peito, ou seja, o que se vê deles é apenas as partes abaixo do peito, como se eles fossem vistos da perspectiva das crianças, que são pequenas, evidentemente. Isso contribui para destacar, mais uma vez, o fato de ser uma obra dirigida a crianças e, mais do que isso, como se fosse escrita e ilustrada por uma criança, tendo em vista a linguagem verbal simples, os traços de desenhos como se feitos por uma criança e a perspectiva da criança vendo os pais de baixo para cima, tudo isso com muito humor.

O ilustrador utilizou cores suaves como rosa claro e lilás. Outro aspecto que chama a atenção é que os nomes dos objetos que se transformam em “bichos de estimação” tornam-se nomes próprios, como por exemplo, Mr. Round (Senhor Roda ou Senhor Redondo), Formal Footwear (Sapato Formal), Branch (Galho) e Twig (Graveto), e esse é um dos pontos principais que, somados aos outros mencionados, fazem com que o livro privilegie uma perspectiva que é a da criança, com muito humor e leveza, encantando os leitores.

“Um tanto perdida”, de Chris Haughton (2011), também se destaca por seu alto valor estético e humorístico, sem intenção didática. O livro tem ilustrações não realistas, com cores inusitadas associadas aos animais que aparecem na história. Conta a divertida aventura de uma inocente corujinha, que se perde de sua mãe. A corujinha se perde quando, imersa em sua soneca, sem querer, cai do ninho onde estava com sua mãe. Desesperada, ela passa a percorrer a floresta pedindo ajuda aos seus amigos para encontrá-la. No final, a corujinha acaba

encontrando sua mãe, que também a estava procurando. O livro também sugere certa impressão de ser uma criança escrevendo e desenhando, como se entrássemos no mundo infantil, assumindo e experimentando a perspectiva de uma criança.

Outra obra analisada foi “Nana’s getting married” (Vovó vai se casar), de Hart-Sussman (2010). A história se desenvolve de acordo com a perspectiva de uma criança, sobre o namorado/noivo de sua avó. A personagem não gosta da ideia de sua avó ter um namorado. Sua avó é mostrada como sendo vaidosa e não vivendo exclusivamente para mimar o neto, pois cuidava de si própria e de seu relacionamento. O neto, então, sente falta do carinho da avó e fica bem chateado por não poder mais compartilhar momentos agradáveis com ela, como comer comidas gostosas e ter sua atenção integral. Seus pais tentam lhe explicar que a avó tem a sua própria vida para se ocupar, mas é somente após a avó conversar com ele sobre isso que o garoto passa a entender melhor e se acostumar, inclusive com o namorado da avó.

O livro distancia-se, pois, de uma visão da terceira idade ligada ao estereótipo de uma avó que fica em casa cuidando de netos. Muito pelo contrário, “Nana’s getting married” desconstrói essa ideia ao longo da história, utilizando-se da visão de uma criança como voz principal. Assim, o leitor alvo - a criança - pode se identificar com a personagem e talvez se familiarizar com a ideia de que avós também podem ter uma vida amorosa, sexual e se cuidar, uma diferença importante em comparação com uma visão tradicional em livros para crianças que mostram avós sentadas em cadeira de balanço fazendo crochê. As ilustrações são caricaturescas e ressaltam o humor das cenas, principalmente a raiva do garoto. Nota-se nelas, também, uma representatividade significativa de personagens secundários de raças diferentes convivendo juntas, sem, portanto, privilegiar personagens brancos.

A obra “Este livro comeu meu cão” (BYRNE, 2016) explora em termos radicais a perspectiva da criança pequena que pode brincar com a materialidade do livro, de maneira divertida. O livro conta a história de Rita, que vai passear com seu cachorro. De repente, no entanto, o cachorrinho desaparece na dobra da página. Então, um amigo de Rita aparece e tenta ajudar, porém, ele some também, “engolido” pelo livro. Outras personagens vão surgindo para ajudar, mas todas as tentativas são em vão. Rita também tenta fazer algo, mas desaparece, como os outros. Assim, o narrador propõe ao leitor que este abane o livro e todos reaparecem. Nesta obra é explorada a materialidade do livro, estimulando o leitor a participar da história para que ela possa se desenvolver.

Também de uma perspectiva da criança pequena e com uma atmosfera bastante poética, “Bárbaro” (MORICONI, 2012) é uma história contada somente por ilustrações e relata as aventuras de um suposto homem adulto, de armadura, espada e escudo, montado em um cavalo. Ele luta bravamente contra vários monstros, dragões, serpentes, ciclopes, entre outros seres. Em um determinado momento, porém, ele para, abre os olhos e começa a chorar, como se o seu medo estivesse em sua frente. Nesse instante, uma figura grandiosa aparece no canto superior direito da página para levá-lo em seus braços. Assim, a criança, que era o homem aventureiro no cavalo, é levada do que, na verdade, era um carrossel, por quem parece ser seu pai.

A inclusão da diversidade e das diferenças

Entre os livros lidos, três deles retratam diferentes configurações familiares, como “Uma família é uma família é uma família”, de Sara O’leary (2016), “Daddy, papa, and me” (Papai, pai e eu) e “Mommy, mama, and me” (Mamãe, mãe e eu), estes dois de Lesléa Newman (2009). Ambos relatam o dia a dia de dois bebês, na perspectiva deles mesmos, como narradores, mostrando suas rotinas ao lado de seus dois pais e de suas duas mães que constituem casais. As famílias homoparentais são representadas, mas o foco das obras não se dá sobre essa questão, sendo apenas demonstrados momentos de felicidade, ao longo da narrativa, e o amor dos casais por seus filhos, de forma natural, enquanto fazem coisas cotidianas. Em ambas as obras não há representações estereotipadas e os dias são narrados poeticamente, com muita diversão, até a hora de dormir. As rimas produzem um ritmo que encanta.

De uma maneira mais evidente, como foco mesmo, diferentes organizações familiares contemporâneas são abordadas em “Uma família é uma família é uma família” (O’LEARY, 2016), que mostra personagens negras, órfãs, adotadas, mães solteiras, casais homoafetivos, asiáticos, uniões inter-raciais, deficientes, avós que fazem papéis de pai/mãe, dentre outras. Esta pluralidade de representações acontece ora via texto verbal, ora via ilustrações. É interessante notar, contudo, que, embora abordadas de maneira mais evidente, como foco importante da obra, o modo como as diversas configurações familiares são representadas não se limita a uma proposta de discussão eventualmente pedagógica ou moralista do tema, mas, ao contrário, trata-se de uma narrativa poética, verbal e visualmente, que conduz o leitor a

ouvir as histórias e aventuras das personagens, minimizando o foco de atenção para o fato de as famílias serem diferentes de famílias nucleares, com um pai, uma mãe e um filho.

Em se tratando de família adotiva, “Nini”, de François Thisdale (2009), é uma delicada narrativa que conta a história de uma bebê (Nini) que ouvia uma voz doce enquanto estava no ventre de sua mãe. Essa voz descrevia lindas paisagens e, às vezes, falava de coisas que pareciam tristes. Ao nascer, a bebê pôde sentir o amor de quem a pegou nos braços, mas isso foi muito breve. Já no dia seguinte, a criança passa a viver em um orfanato e se sente bastante sozinha, mesmo com muitas crianças ao redor. Do outro lado do mundo, um casal perde seu bebê, ao nascer e, assim, decide adotar a criança distante. Mesmo fazendo parte de uma nova família e, após anos, sendo amada e feliz, Nini ainda ouve um eco que a remete a tempos distantes.

As ilustrações remetem a vagas memórias. Uma cena interessante é quando a criança sussurra para a lua dizendo que está feliz e, na ilustração, ela está mais crescida, de olhos fechados, em meio a uma paisagem de água e, em seus pensamentos, há uma pequena casa com o telhado pontudo, uma paisagem que faz alusão à antiga voz doce que ela ouvia ainda no ventre e que a acompanha sempre. A obra representa uma forma de organização familiar diferente, sendo uma filha adotada de uma nacionalidade distinta da nacionalidade dos pais adotivos. Os textos verbal e visual são bastante líricos. Além disso, “Nini” é uma obra que deixa muitas perguntas em aberto, para a imaginação e para a inteligência do leitor.

Destacamos a importância da representação da diversidade (linguística, de gênero, sexual, étnica etc.) e das diferenças, nos livros infantis, retratando o mundo com a diversidade que ele possui, e não como o mundo supostamente deveria ser. Esse tipo de inclusão ajuda diferentes leitores a se identificarem e se sentirem representados, na medida em que podem estabelecer um elo emocional com a história e empatia pelas personagens, que passam pelas mesmas situações de leitores que têm pais ou mães com orientação sexual homoafetiva, crianças filhas de união inter-racial, filhos criados por um pai solteiro ou uma mãe solteira, crianças adotivas e tantas outras configurações familiares.

Ainda em se tratando de representação de diversidade, “Silas’ Seven Grandparents” (Os sete avós de Silas), de Anita Horrocks (2010), é um divertido exemplo, que mostra as diferentes etnias e raças dos sete avós do garoto Silas, a personagem que narra a história. No livro, Silas adora ter o carinho dos sete avós, cada um diferente do outro, porém, quando seus

pais saem em uma viagem de negócios, todos os sete convidam-no para ficar em suas respectivas casas, mas ele não sabe quem escolher. Depois de pensar em cada um deles, Silas finalmente encontra uma solução para não decepcionar ninguém. Ele chama todos para virem a sua casa para ficarem com ele. São os textos visuais que contam, com cores vivas e traços fortes, a diversidade dos avós, formados por uniões inter-raciais e tendo diferentes origens, ora alemã, ora dos nativos indígenas americanos. Um livro que celebra a diversidade cultural, étnica e racial.

Outra leitura realizada foi a do livro “Spork” (MACLEAR, 2010), que retrata a história da personagem Spork, que é um talher cujos “pais” são uma colher e um garfo, daí resultando seu nome, que é junção de Spoon (colher) + Fork (garfo) = Spork. Sendo filho de pais de “famílias” diferentes, e não sendo nem garfo nem colher, Spork não se sente pertencente a nenhum grupo específico e sofre por isso. Na cozinha onde vive, ele se pergunta qual sua função em meio a tantos outros talheres que possuem papéis específicos e são filhos de pais da mesma “categoria”: há garfos filhos de pais garfos, há facas filhos de pais facas, dentre outros. As uniões entre talheres distintos existiam, mas eram “incomuns”, “os costumes eram seguidos à risca”. Com o intuito de se sentir pertencente a algum grupo, Spork tenta se moldar para ser aceito como um garfo ou como uma colher, mas não obtém sucesso. Suas tentativas, inclusive, são representadas nas ilustrações, ora colocando um chapéu pontudo para tentar participar do grupo das colheres, ora um chapéu redondo para se misturar entre garfos, trazendo humor às tentativas falhas.

O desfecho da obra se dá quando Spork encontra sua utilidade na seguinte situação: uma grande sujeira começa a ser feita na cozinha e os talheres se desesperam, até que um bebê, que estava causando isso, pega Spork para brincar. Isso ajuda Spork a aceitar sua forma, pois passa a ser útil e a se sentir relevante para alguém. O livro, portanto, mostra a importância da diferença, da singularidade de cada um, além da presença de uniões “inter-raciais”, representadas pela união de um garfo com uma colher, no caso. As ilustrações são muito expressivas, de forma que podemos ver diversos sentimentos estampados no rosto de Spork, como felicidade, tristeza, solidão etc., contribuindo para a aproximação do leitor com o personagem.

O livro analisado “Dear Primo: A Letter to My Cousin” (Querido primo: uma carta para meu primo) (TONATIUH, 2010) conta a história de dois primos, Charlie e Carlitos, que

vivem realidades diferentes, pois um mora nos Estados Unidos e o outro no México, mesmo sendo ambos descendentes de mexicanos. Eles se comunicam por meio de cartas e contam o dia a dia um do outro. Carlitos, que mora no México, vai de bicicleta para a escola, joga futebol com os amigos, come comidas típicas feitas pela mãe, como quesadillas, brinca com bolinhas de gude, peão e solta pipa, faz as compras em um mercado ao ar livre, assiste a rodeios, entre outras coisas. Por outro lado, Charlie, que mora nos Estados Unidos, vai de metrô para escola, joga basquete, gosta de comer pizza, ver os dançarinos de break nas ruas etc. Além disso, ambos citam tradições presentes no lugar em que moram. Carlitos conta sobre as festas de dois a três dias, nas quais mariachis tocam instrumentos, usando grandes chapéus, enquanto fogos iluminam o céu à noite; as apresentações de truques com cavalos e cordas; a celebração do Dia dos Mortos; as festas de dezembro conhecidas como Posadas, nas quais há pinhatas com frutas e doces. Charlie, por sua vez, conta sobre o Dia de ação de graças e o Halloween.

Esta obra apresenta ao leitor criança duas culturas diferentes, apesar de ambas personagens terem ascendência mexicana. É interessante observar que há várias palavras em espanhol, cujos significados são indicados nas ilustrações, apresentando a cultura mexicana com palavras da língua do país. Trata-se, portanto, de um livro que celebra a diversidade e as diferenças, numa perspectiva muito distante de qualquer preconceito ou estereótipo.

A obra “Morris Micklewhite and the Tangerine Dress” (Morris Micklewhite e o vestido cor de tangerina) (BALDACCHINO, 2014), trata da história de Morris, um garoto muito criativo, que gosta de ir para a escola pintar, fazer quebra-cabeças, tomar suco na hora do lanche e de cantar. Entretanto, acima de tudo, ele gosta do guarda-roupa e do vestido cor de tangerina que usa, pois ama essa cor, que é a mesma cor dos tigres, do sol e do cabelo de sua mãe. Morris vai à escola com o vestido e as garotas e os garotos zombam dele, mas ele finge que não os escuta. Porém, ele quer brincar e estar junto das outras crianças, mas não consegue porque o que ouve é que “meninos não usam vestido”, e se sente triste por isso. Contudo, com sua grande imaginação, um dia ele consegue criar sua própria brincadeira, com uma nave espacial, e seus colegas se sentem curiosos e querem participar. Ao brincarem com Morris, as outras crianças passam a perceber que não importa se um astronauta usa vestidos ou não, e sim que os melhores astronautas são os que conhecem as boas aventuras. As ilustrações são repletas de cores quentes e iluminam a obra. Certamente, crianças que passam

por situações semelhantes à de Morris podem se identificar com suas diferenças, o que pode ajudá-las a ver, dentre outras coisas, que a escolha de uma roupa diferente do que se espera não precisa ser um problema.

Considerações Finais

A literatura infantil com qualidade cria universos fictícios que refletem, questionam ou desconstruem conceitos e preconceitos. Apresentar e celebrar a diversidade em um livro ilustrado é inovador e significa mostrar o mundo como ele é, não como “deveria ser”. Como visto em alguns livros analisados neste estudo, a diversidade e as diferenças se fazem presentes tanto nas ilustrações quanto nos textos verbais. Em outros, as personagens principais têm seus problemas para se enxergar no mundo em que vivem, sentindo-se diferentes das outras, mas conseguem superar isso. Textos visuais e verbais dialogam entre si, dando voz ao lúdico, à perspectiva da criança e ao diferente.

Há sempre a possibilidade de representação das muitas diferenças existentes entre as pessoas, no campo literário e, especificamente, na literatura infantil. Visto que os livros ilustrados podem contribuir para a formação intelectual, emocional, social do leitor criança, é importante que esse segmento literário também represente a diversidade e as diferenças, auxiliando na desconstrução e mesmo no combate ao preconceito, à discriminação, ao racismo, à xenofobia, à homofobia, entre outros. Então, é importante que a escola, que é o meio talvez principal, pelo qual a maioria das crianças têm acesso à literatura, se adapte, na medida do possível, e se junte à luta contra todos os tipos de preconceitos, com iniciativas que privilegiem a leitura e a discussão de livros de qualidade que ajudam a desconstruir pensamentos de exclusão na Educação Básica.

Por fim, este trabalho consistiu em uma experiência importante para a formação dos orientandos envolvidos no Projeto de Pesquisa, uma vez que os estudantes puderam ter uma experiência significativa de ensino em literatura infantil. Ao longo das leituras, dos estudos e da comunicação, por meio dos diários dialogados, foi possível entender melhor a importância da questão da qualidade em literatura infantil e de que os leitores – e não apenas os leitores crianças – merecem desfrutar de livros ilustrados que celebram o lúdico, a diversidade e as diferenças.

Referências

BALDACCHINO, Christine. *Morris Micklewhite and the tangerine dress*. Ilustração de Isabelle Malenfant. Canadá/USA: Groundwood Books, 2014.

BAPTISTA, Mônica. Entrevista proferida no *Fórum Mineiro de Educação Infantil (MIEIB)*, maio 2018. Disponível em: <https://www.mieib.org.br/qualidade-dos-livros-para-as-criancas-da-educacao-infantil-por-que-especialistas-estao-preocupadas-com-edital-do-pnld-literario/>. Acesso em: 17 ago. 2019.

BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: I. de Oliveira (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: Editora DCL, 2005, p. 9-24.

BYRNE, Richard. *Este livro comeu o meu cão*. Portugal: Booksmile, 2016.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

DALY, Cathleen. *Prudence wants a pet*. Ilustração de S. M. King. New York. Editora Roaring Brook Press, 2011.

FERNANDES, G. A. Os olhares estéticos da criança. In: T. Lauriti; W. Christal (orgs.) *Literatura infantil e juvenil: Abordagens Múltiplas*. v. 7. São Paulo/SP: Universidade Nove de Julho, 2016. p. 43-57.

HART-SUSSMAN, Heather. *Nana's getting married*. Ilustração de Georgia Graham. Canadá: Tundra Books, 2010.

HAUGHTON, Chris. *Um tanto perdida*, São Paulo: Ática, 2011.

HORROCKS, Anita. *Silas' seven grandparents*. Ilustração de Helen Flook. Estados Unidos: Orca Book Publisher, 2010.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura Infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KIRCHOV, Edgar R. R.; BONIN, Iara T. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. *Pro-Posições*, v. 27 n. 2, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072016000200021. Acesso em: 10 ago. 2020.

MACLEAR, Kyo. *Spork*. Ilustração de Isabelle Arsenault. Canadá: Kids Can Press, 2010.

MORICONI, Renato. *Bárbaro*. Brasil: Companhia das Letrinhas, 2012.

NEWMAN, Léslea. *Daddy, papa and me*. Ilustração de Carol Thompson. California: Tricycle Press, 2009.

NEWMAN, Léslea. *Mommy, mama and me*. Ilustração de Carol Thompson. California: Tricycle Press, 2009.

NIKOLAJEVA, Maria. *Power, voice and subjectivity in literature for young readers*. New York, NY: Routledge, 2010.

NODELMAN, Perry. Illustration and picture books. In: P. Hunt (org.) *International companion encyclopedia of children's literature*. London; New York: Routledge, p. 113-124, 1996.

O'LEARY, Sara. *Uma família é uma família é uma família*. Ilustração de QinLeng. São Paulo: Brinque-book, 2016.

OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo: Editora DCL, 2005.

OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em ilustração na literatura infantil e juvenil? Com a palavra o ilustrador*. São Paulo: Editora DCL, 2008.

OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o educador*. São Paulo: Editora DCL, 2011.

PAULINO, Graça. Diversidade de narrativas. In: A. Paiva et. al. (orgs.). *No fim do século: a diversidade. O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 39-59.

RAMOS, Flávia. B & PANOZZO, Neiva. S. P. As marcas da palavra e da educação. *Educação (São Paulo)*. v. único. p. 26-37, 2012.

THISDALE, François. *Nini*. Toronto: Tundra Books, 2011.

TONATIUH, Duncan. *Dear primo: a letter to my cousin*. New York/USA: Abrams Books For Young Readers, 2010.

Recebido em: 23 jun. 2021.

Aceito em: 10 ago. 2021.